

Diversão & Arte

Um mestre do acaso

» RICARDO DAEHN

Com uma vida que caberia no cinema, e coube, o escritor Paul Auster, nascido imediatamente no pós-guerra de 1947, morreu na noite da última terça, dado o devastador avanço de câncer de pulmão, diagnosticado há menos de dois anos. Aos 77 anos, deixou um legado de mais de 30 livros, com traduções para 40 países. Entremendo ficção e realidade, como no texto de *A invenção da solidão* (1982), Auster abasteceu com vívidas memórias, os romances que tematizaram muito a questão da paternidade. Dados autobiográficos se espalharam em *Da mão para a boca* (1997), quase 10 anos depois da consagração dele, com a chamada *A trilogia de Nova York*, integrada pela quixotesca *City of glass*, em que personagens atravessam a escrita do autor; *Ghosts*, no qual cores ditam nomes para os personagens e *The locked room*, em torno de um artista que se apropria da criatividade alheia.

Em 2021, Auster viveu o drama pessoal de ver o filho, o paisagista Daniel, condenado pela morte da neta de Auster, Ruby, que completara 10 meses. Uma overdose, há dois anos, matou Daniel. Violência e pistas enganosas nutriram, pela vida, a produção de Auster. No derradeiro romance, *Baumgartner*, a ser publicado no Brasil, Auster trata do peso da lacuna de um grande amor. Os efeitos de uma recente separação se instalam em *Desvarios no Brooklyn* (2005), livro que trata dos desvio de rota na vida de abatido sessentão, aposentado, e já inclinado para a morte.

Paul, que era filho de judeus (uma herança de Samuel, o pai, garantiu sua estabilidade na carreira), teve por muitos inspiração na literatura de Franz Kafka. Em ficção, desenhou o destino de divergentes amigos escritores, em *Leviatã* (2001): um deles tendo por plataforma ações concretas, e o outro dependente da capacidade intelectual. Pai da atriz Sophie, Auster foi casado com duas escritoras. Lydia Davis esteve com ele no começo da carreira, em temporada francesa, na época em que viveu de traduzir poetas; já Siri Hustvedt o acompanhou até o fim da jornada. Celebrado pela desventura nos suspenses policiais, Auster era louvado pela capacidade de ordenar narrativas ao modo de labirintos e ainda pelo apelo de adentrar

Morreu, aos 77 anos, o escritor norte-americano Paul Auster, autor de ficções marcantes e de participações premiadas no cinema

pensamentos dos personagens, indistintamente.

Um dos grandes momentos da carreira veio com a publicação de *43 21* (em 2017), com personagem central, Archie Ferguson, nascido em 1947 (mesmo ano de nascimento de Auster, em Newark, Nova Jersey). A jornada de Ferguson contempla o imprevisível, com

quatro vias possíveis (em mais de 800 páginas) para o personagem que deu chão para referenciar a si mesmo e ser finalista do Man Booker Prize.

Vida de filme

Jogadores de pôquer tornados reféns (no filme *Jogando com a sorte*), pessoas em situação de rua (no texto, de 1999, *Timbuktu*) e diversificada fauna nova-iorquina sedimentaram a carreira de Paul Auster nos cinemas. Muito assentado no bairro do Brooklyn (no qual Auster viveu, intensamente), como no caso de *Sem fôlego* (1995), que ele codirigiu com Wayne Wang, e trazia, numa tabacaria, tipos que assumiam improvisos e representavam uma sociedade alternativa, como personificado pelo compositor Lou Reed, por Madonna e ainda o cineasta Jim Jarmusch.

O honconguês Wayne Wang ainda emplacou com roteiro de Auster (a partir de conto dele), em 1995, o longa *Cortina de fumaça*. A fita, com elenco formado por Harvey Keitel e Stockard Channing, conquistou o Prêmio Especial do júri no Festival de Berlim, e se viu indicada em categorias do César (tido como o Oscar francês) e o David di Donatello (dado como o Oscar italiano).

Ainda com o ator Harvey Keitel, Auster competiu no segmento Um Certo Olhar, do Festival de Cannes de 1998, dirigindo trama sobre um saxofonista de jazz afetado por acidente. Também no cinema, ele fez a narração de *Kimera — Estranha sedução* (fita de 2007), que trata da vida íntima do escritor Martin Frost (personagem de David Thewlis): o longa aborda a relação de um escritor com a sua produção, envolvendo ainda uma trama de sedução (de uma musa), em uma reclusão em mansão afastada. Recluso também foi Auster, que fez das raras aparições, em 2022, numa mobilização a favor de Salman Rushdie.



Paul Auster: sucesso na ficção em livros e no cinema

ESTREIAS NAS TELAS

Pagos para fazer a coisa legal

Sob qualquer ângulo, os bastidores do extenso filme de ação quase ininterrupta *O dublê* indicam magnitude. Ao custo de US\$ 125 milhões, o filme reúne dois dos mais quentes nomes da indústria de Hollywood: o astro Ryan Gosling, no papel-título, e a estrela Emily Blunt, arrematada para dar vida a uma diretora de cinema. “Obviamente, o filme é uma carta de amor para a comunidade de dublês, eles são as pessoas que mais trabalham no show business. Se arriscam mais do que qualquer um. O filme é apenas uma campanha gigante para conseguir um Oscar para os efetivos protagonistas das acrobacias do cinema”, brincou, em recente entrevista estrangeira, Gosling, nada menos do que um dos ímãs do megassucesso de *Barbie*, blockbuster que ultrapassou lucro de US\$ 1,5 bilhão.

Na nova produção, Gosling encabeça a ação como o relutante Colt, algo acuado com o ambiente de filmagens. Tudo praticamente transcorre depois de um acidente — que vai transformar a relação dele com a cineasta Jody Moreno (Emily Blunt), um caso sério na sua vida. No dia a dia, a intérprete vive uma duradoura relação com John Krasinski, como enfatizou, em entrevista a *The Hollywood Reporter*: “Sou casada com um diretor, sei o que é segurar a tempestade de um filme na

cabeça e as pressões, além de ser puxada em um milhão de direções”. Coestrela de *Oppenheimer* (outro filme a lucrar na faixa do bilhão de dólares), Emily Blunt celebrou que a esfera de ultrasseriedade fosse completamente abolida na trama.

Com uma hilária cena em que Jody massacrava Colt — castigando-o nas repetidas refilmagens de um personagem em chamas —, *O dublê* não economiza em referências: traz citações a *Thelma e Louise*, e o último dos moicanos, *Velozes e Furiosos*, e aos sucessos de *Rocky* e *Um lugar chamado Notting Hill*. Nos arredores da Ópera de Sydney (Austrália) se desenvolvem grandes cenas de corre-corre. Um grande detalhe do filme que abusa de metalinguagem reside no passado do diretor, David Leitch, o mesmo de *Trem-bala* (2022), *Deadpool 2* (2018) e *Atômica* (2017).

O condutor do enredo — escrito por Drew Pearce, sempre lembrado por *Homem de Ferro 3* e pelas franquias *Missão: Impossível* e *Velozes e Furiosos* — se apegou muito à fonte original do longa, ocasionado de adaptação do seriado oitentista *Duro na queda* (criado por Glen A. Larson, morto há dez anos), estrelado pelo “homem de seis milhões de dólares” Lee Majors que, não à toa, desponta em cena, assim como Jason Momoa. (RD)



Universal/Divulgação

O dublê: filme tem Ryan Gosling

Novidade no circuito

Rede de cinemas com mais de 25 anos de estrada no mercado exibidor, a Cinesystem, a partir da aquisição das salas antes geridas pelo Espaço Itaú de Cinema, passa a administrar 27 multiplex em 11 estados brasileiros. A rede passará ao comando, em Brasília (no Casa Park), de oito salas regulares de programação, além da sala VIP. O Cinesystem Brasília terá impulso inicial de quase 40 sessões diárias na capital. Outros três complexos foram negociados em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Dezessete filmes figuram como atração da primeira semana de atuação da marca. Entre os destaques estão os lançamentos de *A teia*, *Transe*, *Garfield: Fora de casa*, *La chimera*, *Veríssimo* e *Conduzindo Madeleine*, além da revitalizada exibição de *Star Wars: Episódio 1*, projeto criado há 25 anos. Quem tiver saudades do Espaço Itaú não pode se desligar da plataforma de streaming gratuita, mantida pela marca, a Itaú Cultural Play, que perpetua os padrões de qualidade mantidos na cadeia exibidora.